

O “ARTE GÍMNÁSTICO” DE JERÔNIMO MERCURIAL E A EDUCAÇÃO DO CORPO: NOTAS SOBRE O ESQUECIMENTO

Jessica Vitorino da Silva Terra Nova¹
Hamilcar Silveira Dantas Júnior²

PALAVRAS-CHAVE: *Educação do corpo; Jerônimo Mercurial; História; Memória.*

INTRODUÇÃO

Produto de uma pesquisa monográfica de natureza histórica - documental e bibliográfica - o presente texto tem por objetivo questionar e apontar possíveis relevâncias entre o sentido de rememorar ou apontar um resgate histórico sob conjecturas pautadas não apenas acerca da obra, mas também da figura de Jerônimo Mercurial tendo em vista a possibilidade de enumerar diversas contribuições históricas para a Educação Física.

Publicado em pleno auge do movimento renascentista no século XVI, mais precisamente em 1569, o “Arte Gímástico”, é um dos primeiros tratados de Medicina com feições voltadas à Fisioterapia e Ginástica. Uma obra monumental que propõe uma análise da ginástica (dos exercícios físicos) sob três pontos de vista: Histórico, Médico e Higiênico. Nesta, alguns questionamentos foram postos por Mercurial de modo a guiar-lhe na constituição de seu tratado ginástico e dessa forma se empenhou em fazer um apanhado histórico sobre a origem da Medicina; descrever sobre os exercícios físicos e seus efeitos medicinais de maneira individual e específica de cada um deles etc.

Ao taxarmos o “Arte Gímástico” de Jerônimo Mercurial como uma obra monumental não nos referimos ao gigantismo da mesma, mas à necessidade de avançarmos à crítica histórica como nos propõe Le Goff (1990). Tomamos emprestado da distinção entre Monumento, aquilo que é produto do passado e, portanto, restringe-se à memória, e Documento aquele material trazido ao presente pelo historiador para nos ensinar sobre o passado, a necessidade de provocar e trazer a obra de Mercurial ao centro do debate histórico. Reiteramos com Le Goff (1990, p. 549), que “o novo documento, alargado para além dos textos tradicionais, transformado – sempre que a história quantitativa é possível e pertinente – em dado, deve ser tratado como um documento/monumento. De onde a urgência de elaborar uma nova erudição capaz de transferir este documento/monumento do campo da memória para o da ciência histórica.

Pouco mencionada nos estudos em História da Educação Física, em História da Educação do corpo e/ou em quaisquer outros estudos provenientes de campos próximos ou similares consideramos que a obra de Mercurial foi taxativamente “esquecida”. Conforme Michael Pollak (1989), os motivos para o esquecimento e a gestação do silêncio de algumas vozes na história tem vários motivos: tensões políticas, sociais, econômicas e culturais. Os ditos e os não-ditos flutuam conforme a combinação de forças em disputa, cabendo aos que fazem História recuperar as memórias esquecidas, revelando suas vozes e ensinamentos sobre o passado e também para o presente.

Dentre tantos aspectos que serão mencionados adiante, é possível perceber conjecturas relevantes de um considerado “primeiro” tratado sobre os exercícios físicos no desmembramento de estudos, pesquisas, descobertas e avanços principalmente no quesito que



confere a história da ginástica ou dos parâmetros voltados para a questão da educação do corpo.

MEMÓRIA E SILÊNCIO

Lutar contra o esquecimento para manter a lembrança, lutar contra a morte pela palavra viva e rememorativa, lutar, sobretudo, pela palavra, pela escrita, pela permanência e perpetuação de uma memória real e viva. Gagnebin (2006, p. 11) afirma que a escrita “[...] deseja perpetuar o vivo, mantendo sua lembrança para as gerações futuras, mas só pode salvá-lo quando o codifica e o fixa, transformando sua plasticidade em rigidez, afirmando e confirmando sua ausência – quando pronuncia sua morte”.

Entre essa necessidade atual de se escrever História, de transmitir “verdades” através da palavra, temos que considerar os desafios que deve percorrer aquele que deseja se aventurar nos territórios sem inscrições prévias, incógnitos e indefinidos. Já dizia Chartier (2010, p. 24-25) que “[...] o escrito é o instrumento de poderes temíveis e temidos”, ora, “interrogar-se sobre a autoridade atribuída (ou negada) ao escrito e sobre as lutas para o confisco (ou a divulgação) de seus poderes talvez não deixe de ser pertinente para a compreensão do presente”.

Em meio a um período de inúmeras transformações e mudanças nos mais diversos setores - políticos, sociais, econômicos, culturais, etc. caracterizado, principalmente, pela revalorização do pensamento e da arte da antiguidade clássica e à constituição de uma cultura humanista, é publicada a obra “Arte Gímástico”. Fontes e referências sobre esta e seu respectivo autor são bem escassas. Na primeira fase de levantamento documental foram detectados poucos indícios referênciais. Dentre as oito edições e das demais versões publicadas da obra, a única fonte acessada para a constituição deste escrito e que tem servido de embasamento é datada de 1973 publicada em Madrid pela *Delegación Nacional de Educación Física y Deportes*. – o conteúdo e o texto apresentado são de reprodução similar a edição de 1845 - a primeira versão/tradução mundial do original latino para uma língua vernácula. É totalmente fiel ao original, em termos de estrutura interna.

Nesta obra é possível perceber a sua importância e legado resguardado. Reúne conhecimentos de diversas áreas com a finalidade de estabelecer um tratado ginástico que fosse realmente útil tanto para todos aqueles que cuidavam da saúde: ginastas e médicos. Dotada de tamanha riqueza textual no que concerne esse amplo diálogo com suas fontes julgo que a principal contribuição da obra de Mercurial se relaciona com a construção de um conhecimento sobre os modos de educar os corpos pautados nos meados do processo civilizatório e suas imbricações científicas. Sendo assim, aponta-se a necessidade de conjecturar outras contribuições a partir da lembrança de outros pensadores como, por exemplo, Mercurial, no que se refere aos estudos sobre o “corpo”, na medida em que estes foram pautados hegemonicamente, sobretudo, a partir de Leonardo da Vinci (1452-1519) e Andreas Vesalius (1514-1564) e, especificamente, na Educação Física, à partir de Amoros (1970-1848). Sob a dedução de que alguns parâmetros científicos disseminados no campo da ginástica por Amoros no século XIX já estavam sendo, mesmo que minimamente, desenvolvidos por Mercurial no “Arte Gímástico” há séculos antes ficam as prerrogativas de se pautar um estudo que precede o “século das luzes” sobre a percepção científica no campo da ginástica – pedagogia ou técnica responsável pela educação do corpo.

A riqueza da obra, sua apropriação e reunião de saberes de diversas ordens e de pensadores do período clássico, as inquietações históricas que se repercutiram através de sua obra, a ausência de fontes, etc. são algumas das pontuações que seduz o pesquisador e ao



mesmo tempo relevam a importância de realizar um estudo pautado sobre tal obra. Assim, ficam as prerrogativas acerca da necessidade em se pautar mais estudos que precedem o “século das luzes” no tocante a percepção científica no campo da ginástica – pedagogia ou técnica responsável pela educação do corpo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Objetivamos nesse texto trazer à baila uma obra que entendemos fundamental ao avanço da área de Educação Física e que ainda suscita questões essenciais ao debate contemporâneo das relações saúde e educação.

Ratificando o Monumento da obra de Mercurial, é necessário reiterar a última justificativa de leitura e análise do “Arte Gimnástico”, a noção de Clássico. Para tanto, cabe resgatarmos os ensinamentos de Ítalo Calvino (1993) onde aponta que o clássico nem sempre nos ensina sobre o que não sabíamos, podemos descobrir nele algo que sempre soubéramos ou acreditávamos saber, mas desconhecíamos que ele o dissera primeiro. Ou seja, é clássico aquele que sabemos colocar no devido lugar de sua genealogia. Para muito antes dos iluministas, um renascentista já dizia muitos dos discursos tão reiterados hoje como símbolos da “modernidade”. De igual modo, cabe à Universidade e aos que estudam História da Educação e da Educação Física resgatar a obra de J. Mercurial para o devido situar no seu contexto histórico como Monumento e a devida crítica histórica a esse Documento/Monumento.

REFERÊNCIAS

- CALVINO, I. **Por que ler os clássicos**. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- CHARTIER, R. Escutar os mortos com os olhos. **Estudos Avançados**. v. 24, n. 69, Rio de Janeiro, p. 7-30, 2010.
- GAGNEBIN, J. M. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006.
- LE GOFF, J. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1990.
- MERCURIAL, J. **Arte Gimnástico**. Madrid: Delegacion Nacional de Educacion Física y Deporte, 1973.
- POLLAK, M. Memória, esquecimento, silêncio. **Estudos Históricos**, v. 3, n. 2, Rio de Janeiro, p. 3-15, 1989.
- SOARES, C.L. Pedagogias do corpo: Higiene, ginásticas, esporte. In: MARGARETH, R.; _____. **Imagens da Educação no corpo**: estudos a partir da ginástica francesa no século XIX. 2. ed. Rev. Campinas: Autores Associados, 2002.

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Federal de Sergipe – UFS. Graduada em Educação Física pela UFS. Membro do grupo de Pesquisa “Corpo e Governabilidade: política, cultura e sociedade” do Departamento de Educação Física da UFS. E-mail: vitorino.jessica@gmail.com.

² Professor do Departamento de Educação Física da UFS. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação da UFS. Doutor em Educação Pela Universidade Federal da Bahia – UFBA. Coordenador do grupo de Pesquisa “CEMEFEL – Centro de Memória da Educação Física, Esporte e Lazer de Sergipe” do Departamento de Educação Física da UFS. E-mail: hamilcarjr@hotmail.com.